“ENTRE O CEMITÉRIO E O MAR: OS RITUAIS FUNERÁRIOS COMO INDICADORES DE RESISTÊNCIA DA CULTURA AFRICANA (1630-1870)”

Izabela Pereira de Lima[1]
Lucas Alves da Rocha[2]

1- Arqueóloga- Mestranda do curso de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco- Campus Recife.
E-mail: izabelapereiradelima@hotmail.com
2- Arqueólogo- Mestrando do Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco- Campus Recife.
E-mail: lucas-alves170@hotmail.com

INTRODUÇÃO

“O corpo é um centro de ação, enquanto matéria modificada pelo tempo. Constitui uma espécie de memória biológica, um arquivo da experiência passada (BERGSON, 1999).” Pode-se através de seu estudo, retomar atitudes em que o passado irá se inserir, o qual se tornará um reflexo da vida social de um indivíduo do pretérito.

Os bioarqueólogos (as) buscam compreender através da leitura dos vestígios materiais contidos em um cemitério, sendo eles orgânicos, seus mortos e inorgânicos, tudo que faz parte do enxoval funerário, a maneira como foram enterrados os indivíduos, mais também como cada cultura lida com a morte e como se relacionam com o mundo dos mortos.

Em alguns casos especiais os rituais funerários não são apenas característicos de um determinado grupo social, podem representar em contrapartida, parte de um significado maior, sendo então um lugar de “asilo” (ARIÈS, 2014, p. 83), tornando-se para algumas culturas o centro da vida social, de tal modo, servindo também para perpetuar suas raízes de forma que seus costumes não desapareçam, um jeito de mostrar resistência frente as imposições forçadas de “adotar” traços culturais que não são seus.

Logo, qual deveria ser a intenção para a criação dos rituais fúnebres, de onde surgiram, que ações os levaram a evoluir em um estado que hoje conhecemos, em diferentes lugares, cada qual a sua maneira, sendo de acordo com a sua cultura, tão humana e diversa.

Temos assim, diferentes modos de enterrar, estas tendo um sentido mais amplo, e na tentativa de estabelecer formas de ler e entender as atitudes e significados sociais que estão contidos nos rituais fúnebres, se torna vital no momento de interpretar os objetos

funerários encontrados nos cemitérios, cujos são parte de um cultura específica (MOTTA 2009: 17-18). "Sendo, portanto, no conjunto do mundo material uma imagem que atua com as outras imagens exteriores", se tornando um reflexo do desenvolvimento das relações sociais, individuais e coletivas com as entidades que as impulsionam (BERGSON, 1999, P. 14).

Desta forma esta pesquisa visa entender de forma sucinta essa memória cultural de um povo que foi retirado do seu seio matricial e obrigado a "adotar" de uma forma imposta uma nova crença. "Num Mundo submetido a mudanças, a atitude tradicional diante da morte aparece como um indício de inércia e continuidade (ARIÈS, 2014)".

A BIOARQUEOLOGIA E SUAS INTERFACES

O trabalho de um (a) bioarqueólogo (a), tem como objetivo principal estudar as alterações sociais que possam servir de respostas para o entendimento do contexto material deixados por grupos do pretérito, o qual apesar de parecer estático hoje, esteve no passado em constantes mudanças, as quais modificaram o registro arqueológico e com isso compreender sobre as atitudes perante os rituais fúnebres trazendo à tona todas as questões culturais que expressam uma crença que resiste mesmo com todas as mudanças impostas ou não pelas quais passam, como por exemplo, a Africana.

As transformações causadas pela estrutura social são parte de um todo, cujo processo definidor influenciará nos objetos da cultura material e no corpo, sendo essas modificações causadoras do reflexo em cada indivíduo. Assim, Silva (2014, p. 45) aborda sobre o conhecimento das causas das remodelações ósseas em remanescentes humanos arqueológicos, cujos dados sobre o modo de vida, incluem indicadores de dieta (características de má alimentação que podem causar algumas patologias), trabalho e formas de subsistência (causadores de traumas), adaptação humana ao ambiente, etc. Os dados obtidos sobre a morte em populações do passado dependem da obtenção, análise e interpretação dos dados mortuários. Estão relacionados aos vestígios encontrados no contexto arqueológico, dentro de um sepultamento, compreendendo o corpo, os acompanhamentos funerários e a cova (SPRAGUE, 2005).

Logo, com o passar dos anos a Bioarqueologia vem desenvolvendo-se e se tornando interdisciplinar, isto é, usando abordagens de outras ciências, como a Biologia, a Geografia, a História, a Antropologia, as Ciências Forenses, aliados à sua metodologia para entender e realizar reconstruções da estrutura social que residem nos remanescentes

humanos e no material cultural associado a eles. Buzon *et al* (2005), disserta como essa "estratégia utilizada pelos Bioarqueólogos (as) ajudam na interpretação mais precisa dos dados osteológicos e na melhor formulação de hipóteses para o entendimento das culturas do passado (ver figuras 1 e 2)."



Figura 1: Luzia, um marco na descoberta do povoamento da América. Fonte: NEVES, 2008.



Figura 2: Enterramento de Lagoa Santa e croqui do seu perfil funerário. Fonte: STRAUSS, 2010.

A ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA: UMA BREVE INTRODUÇÃO

O estudo da diáspora africana no viés arqueológico, ganhou destaque no final da primeira e início da segunda metade do século XX, estudando sítios ligados a escravidão como fazendas e engenhos em países como Estados Unidos, que possuía o sistema escravocrata, os pesquisadores queriam compreender as produções culturais dos grupos que foram trazidos da África para servirem de mão de obra nas plantações.

No Brasil entre os anos de 1970 e 1990, a Arqueologia voltada a diáspora africana começou a ser estudada de forma intensa, podemos salientar o marco de estudo desta área nas escavações realizadas na região do Quilombo dos Palmares, berço da resistência africana em solo brasileiro. Além disso podemos citar as pesquisas realizadas por P.P. Funari, S.J. Allen, L. C. P. Symanski entre outros, em diversos sítios arqueológicos.

Os mais diversos materiais trazem dados importantes sobre a vida e morte destes grupos, inclusive sobre a resistência cultural, podemos mencionar estudos sobre as senzalas, quilombos, artefatos cerâmicos, rituais religiosos, bioarqueologia entre outros (ver figuras 3 e 4) (SYMANSKI, 2014; TAVARES, 2006; LIRYO; SOUZA; COOK, 2011; NOVAES, 2018).



Figura 3: representações do cosmograma Bacongo na cerâmica localmente produzida de Chapada dos Guimarães. Fonte: SYMANSKI, 2007.

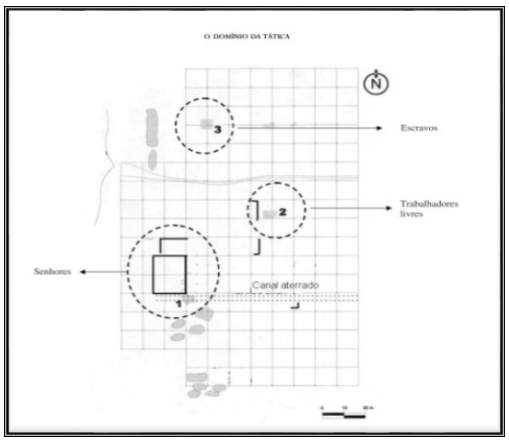


Figura 4: Planta do Engenho Rio da Casca com indicação das áreas ocupadas pelas três unidades sociais, senhores, trabalhadores livres e escravos. Fonte: SYMANSKI, 2007.

A MORTE COMO TESTEMUNHO DA RESISTÊNCIA

Os diversos sítios arqueológicos estudados no Brasil e em outros países trouxeram diferentes informações sobre os grupos étnicos que foram trazidos para se tornarem escravos, desde os afazeres do dia a dia até seus rituais mais íntimos, como a morte.

Apesar de muitos autores mesclarem as descrições dos rituais relativos a morte entre os escravos em sua maioria, nas narrativas do século XIX, as primeiras observações já eram curiosamente descritas no século XVII, um exemplo disso são dois cronistas que viveram no Brasil no período do domínio Holandês.

O primeiro, serviu como reverendo Calvinista em diversos pontos do domínio Neerlandês, descrevendo pessoas e episódios aos seus amigos na Europa, o predicante Vicente Joaquim Soler em seu panfleto “Breve e curioso relato sobre as singularidades

do Brasil", publicado em 1639, traz uma informação interessante sobre um ritual funerário:

> "Quando um deles[escravos] morrer, reúnem-se todos os homens, mulheres e crianças à porta do falecido e de lá saem dançando pelas ruas durante toda a noite ao som de pequenos tamborins e outros instrumento cômicos, perguntando ao cantar: << ê ê ê , porque ele morreu? ê ê ê , faltou-lhe peixe?>>; e segue assim, passando por toda uma lista de comida e bebidas. Depois deste belo passeio enterram o cadáver, tão solenemente como possam (SOLER, 1997, p. 44)."

Apesar do autor não aprofundar os pormenores, podemos subentender que a cada refrão da música entoada, um objeto era doado, seja alimento ou utilitário, para acompanhar o falecido em sua viagem ao além vida, o que fortaleceu tal afirmação foi os enterramentos de escravos que datam do séc. XVIII encontrados no sitio arqueológico de Plantação Servilla, na baia de Santa Ana, ao norte da Jamaica, alguns indivíduos estudados estavam acompanhados de diversos materiais ao redor do corpo (LANFRANCO; PETRONILHO; EGGERS, 2014, p. 71-73).

O segundo cronista tem origem francesa, atuou como funcionário da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), tecendo os mais duros comentários sobre o governo nassoviano. Pierre Moreau deixou em sua obra "história das últimas lutas entre portugueses e holandeses", uma breve descrição de um ritual funerário executado pelos "escravos":

> [Cerimônia depois da morte dos escravos]. Quando morriam os escravos, a única cerimônia consistia em amarra-lhe o corpo em um varal em três ou quatro lugares; dois de seus camaradas carregavam o cadáver sobre às espaduas e iam joga-lo no mar ou no rio (MOREAU, 1979, p. 35)."

As observações dos dois cronistas são bastante generalistas, mas nos fornece dois panoramas diferentes de rituais funerários utilizados naquele período, apesar da igreja Protestante, em algumas das suas atas deixam claro o repudio sobre as práticas que deveriam ser repreendidas entre os negros, os rituais funerários com certezas estavam entre eles.

Apesar da conversão, não sabemos indagar se os escravos se devotaram completamente a fé Calvinista, pois após a expulsão dos neerlandeses no Nordeste, as fontes se silenciaram de forma que fica difícil, mas as irmandades católicas voltaram com a força renovada.

As irmandades dos homens negros, existiam em quase todas as vilas e cidades, dedicando a adoração de santos como São Gonçalo Garcia e Nossa Senhora de

Guadalupe, tendo suas igrejas próprias, construídas pelo esforço da irmandade, doadas ou capelas anexas nas grandes igrejas, nas quais seus irmãos eram enterrados.

Reis (2008: 55), descreve como eram divididas as irmandades dos homens pretos na Bahia:

> "As irmandades de africanos se subdividiram de acordo com as etnias de origem, havendo, por exemplo, as de angolanos, jejes e nagôs. Imaginadas como veículo de acomodação e domesticação do espirito africano, elas na verdade funcionaram como meios de afirmação cultural. (...) (REIS, 2008: 55)

Mas o ato de enterrar os escravos em cemitérios ou no adro das igrejas, só veio a se tornar "obrigatório" após a publicação das "constituições primeiras do arcebispado da Bahia", antes disso, os preconceitos eram extremos das outras irmandades e da própria população com relação ao enterro de negros e pardos em locais santos, podemos ver isso em um dos poemas escrito pelo poeta baiano Gregório de Matos, vulgo "Boca do Inferno", no qual relata o enterro de uma escrava em tom satírico.

Duas pesquisas arqueológicas que aqui podemos acentuar pela importância das informações obtidas foram: a escavação na área da antiga Sé de Salvador na Bahia, na qual foram identificados diversos enterros na região do adro da igreja, alguns inclusive com parte do enxoval funerário, como contas, que poderia ser tanto de rosários como "guias", utilizados nos cultos afro-brasileiros (ver figuras 7 e 8), Tavares (2006) faz essa comparação entre os vestígios arqueológicos e guias utilizadas nos dias atuais.

A segunda pesquisa são dos enterramentos encontrados abaixo do quartel do corpo de bombeiros na Barroquinha, foram evidenciados as fundações da antiga capela de N.S de Guadalupe e diversos enterramentos, indivíduos ligados provavelmente a irmandade dos homens pardos que era responsável pela capela, os estudos arqueológicos descobriram contas de cordões e búzios em contexto com alguns enterramentos, o que mostram que apesar dos indivíduos serem enterrados com mortalhas ou vestes da irmandades como um "bom cristão", na realidade tais adereços serviam para esconder a verdadeira fé dos "irmãos" da irmandade, um resistência silenciosa e eficaz.

Vale mencionar com relação ao enxoval funerário, que em alguns casos poderia variar de uso de caixões até o simples envolvimento em fibra vegetal, isso dependia do status social do indivíduo, uma das pranchas de Debret (ver figuras 5 e 6) dedicou a representar aos ataúdes, dos mais luxuosos até os mais simples.

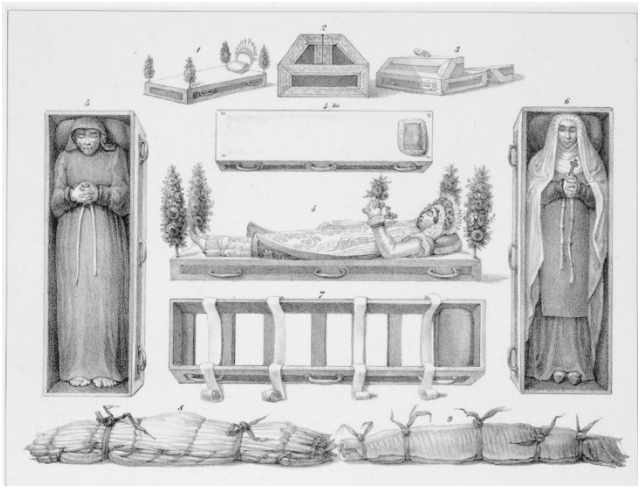


Figura 5: Prancha feita por Debret retratando os ataúdes e enxoval funerário utilizados por irmandades e por pessoas da sociedade brasileira do ´séc. XIX, abaixo podemos ver invólucros feito de fibra vegetal. Fonte: DEBRET, 1987.



Figura 6: Plantas feitas por Manoel dos Reis Couto para cemitério dedicado aos enterros dos escravos no Rio de Janeiro. Fonte: AHU

Na primeira metade do século XVIII, podemos perceber mudanças em relação ao escravo no meio social luso-brasileiro, as "constituições primeiras", repreendia os senhores de escravos que não enterrassem seus escravos batizados com dignidade nos lugares adequados (VEDO, 1835: 295), uma prova disso é uma carta do então provedor-mor da fazenda da capitania do Rio de Janeiro, Bartolomeu de Siqueira Cordovil ao rei D. João V, datada de 22 de junho de 1724, na qual o provedor descreve orçamento e parecer das obras necessárias para se fazer um cemitério para se enterrar os escravos[1].

Junto com essa carta, foram anexas plantas do dito cemitério, feitas pelo então mestre de obras reais, Manoel dos Reis Couto, mostram a necessidade de se ter um local para se enterrar os escravos, bem possível que tal cemitério seja um antecessor do cemitério dos pretos novos, sitio arqueológico que se encontra no complexo arqueológico do Valongo, no qual foi evidenciado diversos enterramentos de escravos que viviam na localidade.

O cemitério dos pretos novos foi utilizado do século XVIII ao século XIX, recebendo dezenas e dezenas de corpos de escravos que morriam na região, muitas vezes sendo enterrados a poucos palmos da superfície, foi localizado em 1996 e diversas campanhas foram realizadas até o ano de 2017, uma gama de vestígios foram localizados, entre ossos fragmentados, contas, fragmentos de cerâmicas.

[1] AHU-Rio de Janeiro: AHU_ACL_CU_017, Cx. 16, D. 1787

Foi encontrado em níveis mais profundos esqueletos inteiros que ali foram depositados, uma das mais louváveis iniciativas realizadas no Brasil, foi de transformar o sitio arqueológico em museu-memorial, não só aos indivíduos ali enterrados, mas a todos que sofreram o crime de ser escravizado.



Figura 7: Sepultamento do setor F, in situ, onde se vê contas de material malacológico e conta azul, na região das vértebras cervicais. Fonte: TAVARES, 2006.

PROCEDÊNCIA	NÚMERO	PORCENTAGEM
Brasileiros (crioulos)	66	29,3%
Sudaneses	81	36%
Angola	13	5,7%
Africanos[9]	65	29%
Total	**225**	**100%**

Figura 8: Procedência de negros sepultados na Sé de Salvador- séculos XVIII e XIX. Fonte: TAVARES, 2006.

UM CASO CURIOSO

Dos sítios mencionados na apresentação, um deles tem uma particularidade bem intrigante, localizado na região portuária do Recife, uma coluna dórica erguida possivelmente no séc. XVIII, que possui somente uma única inscrição na cruz sobre seu capitel "INRI", pouquíssimas informações existem sobre esse monumento, que nos seus primeiros registros já era citada como a "Cruz do Patrão", nome que perdura até hoje.

O monumento sempre chamou a atenção da população por suas lendas, como a descrita por Gilberto Freyre em seu "Assombrações do Recife Velho" ou pelas novelas fantásticas como "o esqueleto" de Carneiro Vilela, mas o local possui uma ligação profunda com as religiões de matrizes africanas que existiam em Recife e Olinda.

Por ser um local afastado, era perfeito para se fazer determinados rituais, longe dos olhos dos oficias e religiosos, que com unhas e dentes tentavam destruir os vestígios culturais dessas populações. O caso mais ligado as populações afro-brasileira e a Cruz do Patrão foi descrita por Maria Grahan, inglesa que estava de estadia em Pernambuco,

quando volta de Olinda a autora descreve, um cachorro com os restos de um Africano na boca e outros na beira do rio.

Essa descrição ajudou a fomentar no imaginário popular que existiria na Cruz do Patrão, um cemitério de negros novos, que morreram antes de serem batizados, e por isso foram enterrados ali, mas algo observar hoje essa descrição com um olhar antropológico, realmente poderia existir um "cemitério" ali, mas não no padrão ocidental.

Foi feito um projeto para resgate arqueológico, a pedido da comunidade afro-brasileira em Recife, e o estudos foram realizados em 2005, durante 5 meses, sempre acompanhado pelos Babalórixas e Ialórixas, para que os ritos de apaziguar os "egumguns", os espíritos dos mortos, entre outros, fossem seguidos (ver figura 9).

Apesar do esforços e trabalho duro não foi localizado o cemitério que existiria na região, duas opções foram pensadas em momentos distintos:

1) O cemitério não era nos moldes conhecidos da sociedade luso-portuguesa, mas sim, na forma original de alguns grupos da África, na visão de Castro (2007, p. 42-43), é uma questão semântica, pois para grupos do centro-africanos e da costa leste, a água tem um simbolismo muito ligado ao linear entre a vida e a morte, a autora menciona essa tradição em grupos ligados aos Bantos, no qual a palavra "Kalunga", estaria ligada ao " outro lado", representava de forma simbólica tanto "rio, como o mar ou superfície que refletisse", significando a jornada do morto deixando a vida e indo para o além. Para reforçar mais ainda sua hipótese, a autora menciona uma denúncia feita no jornal "*Marmota Pernambucana*", na qual o denunciante fala que em algumas irmandades, existia o habito de pilar os ossos e jogar o pó "ou no mar ou nos quintais das casas", mostrando uma variação mais discreta do ritual funerário. (CASTRO, 2007, p. 174)

Frias (1988, p. 15) ao se referir ao orixá Omolu, ele o descreve da seguinte forma: " *É Omolu, Deus da calunga pequena (os cemitérios) e da calunga grande (O oceano) "*, mostrando a ligação de um orixá ligado a passagem ao reino dos mortos e associando o termo "calunga [Kalunga]" tanto aos cemitérios como ao oceano, mostrando que a tradição oral ainda existia no Brasil, inclusive nos tempos atuais.

2) O monumento (Cruz do Patrão) foi retirado do local o qual realmente estava, e no qual estaria o cemitério, baseado nisso, Rios *et alli* (2014), foi a sítio e comparou as coordenadas descrita por Henry Koster, na qual a cruz teria que estar

alinhada à igreja de Santo Amaro, e percebeu que o monumento não estava alinhado com a dita igreja.

Na visão dos autores, as duas teorias reforçam os pontos fracos de ambas e se complementando, dando um fundo não só histórico, mas antropológico e social da resistência dos valores culturais destas comunidades no Brasil.

O material arqueológico da cruz do patrão se encontra resguardado nos laboratórios ligados ao departamento de arqueologia da UFPE, diversos vestígios foram catalogados e passaram por uma limpeza, como os fragmentos de cerâmicas e objetos de ferro, metade de um esqueleto de um cachorro localizado durante a escavação, além dos relatórios e fotos, que servem como uma riquíssima fonte de informações, para futuros trabalhos.



Figura 9: Cerimônia para pedir paz aos eguns no local da escavação. Tirada dia 11/04/2005. Fonte: RAMOS 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do título englobar uma cronologia tão ampla, não era necessário seguir essa ordem, passando por cada período detalhadamente, mas instigar os pesquisadores, que através de sítios arqueológicos, cuja datação ou descrições ajudem a aprofundar o tema sobre a morte na comunidades afro-brasileiras entre esses períodos (ver figuras 10 e 11).

Vale ressaltar que alguns grupos aqui não foram mencionados, mas talvez com a localização de sítios arqueológicos possam ser melhores entendidos como os Malês, que ficaram tão famosos por sua revolta na Bahia em 1835, e que possuem a influência Islâmica em sua raiz cultural, possibilitando que seus rituais funerários seguissem os mesmos padrões.

Logo, interligar a Arqueologia com a História é um fator crucial nos tempos atuais, inclusive para a questão da valorização da identidade cultural afro-brasileira, percebe-se que a resistência cultural encontrada nos vestígios arqueológicos.

Necessita-se de novos estudos relacionados ao tema, a popularização deste tema não só nos meios acadêmicos, mas em escolas, centro comunitários e para a população no geral, para que as pessoas possam conhecer mais sobre sua herança cultural.



Figura 10: Enxoval funerário- contas de colar, encontrados com os enterramentos da antiga igreja da Sé de Salvador. Fonte: TAVARES, 2006.

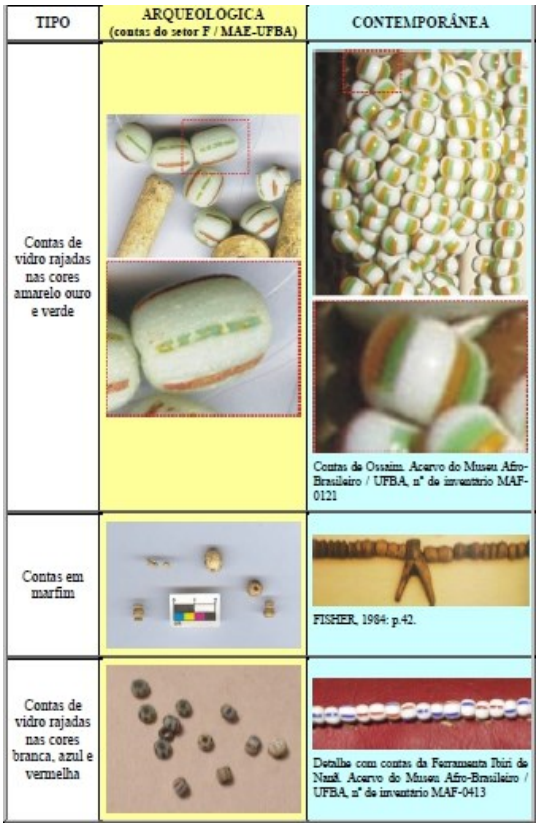


Figura 11: Comparação entre contas arqueológicas e contemporâneas, mostram a resistência ao tradicional de sua religião mesmo com as mudanças. Fonte: TAVARES, 2006.

REFERÊNCIAS

Arquivo Histórico Ultramarino/ Rio de Janeiro

AHU_ACL_CU_017, Cx. 16, D. 1787

AHU_CARTm_017, D. 1074

AHU_CARTm_017, D. 1300

Fontes Impressas

BERGSON, H. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BROW, A. R. R. **Estrutura e função nas sociedades primitivas.** 1ª. ed. Lisboa: Edições 70, 1973.

BUZON, M. R.; ENG, J. T.; LAMBERT, P. M; WALKER, P. L. Bioarchaeological Methods. **Em H. D. Chippindale, Handbook of Archaeological Methods (pp. 871-910)**. New York: Altamira Press, 2005.

CARMO, A. F. *et alli*. O resgate de uma história: a igreja de nossa senhora de Guadalupe. In.NAJJAR, R. (Org.) **Arqueologia no Pelourinho**. Salvador. IPHAN/ MONUMENTA. 2010. p.224-244

CASTRO, V. **Das igrejas ao cemitério: Políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX**. Recife: FCCR. 2007

DEBRET.J.P. **Viagem pitoresca e Histórica pelo Brasil.** São Paulo. Círculo do Livro. 1981

FRIAS, G. A Macumba: Sincretismo religioso. In: FRIAS, G. (Org.) **Paradigmas: Mitos, enigmas e lendas contemporâneas**. São Paulo: Século Futuro, 1988.

GRAHAN, M. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada neste país durante partes dos anos de 1821, 1822 e 1823**. São Paulo: Companhia editorial Nacional, 1956.

LANFRANCO, L. P ; PETRONILHO, C ; EGGERS, S**. Descobrindo a arqueologia: O que os mortos podem nos contar sobre a vida**. São Paulo: Cortez, 2014

LIRYO, A.; SOUZA, S.M; COOK, D.C. **Dentes intencionalmente modificados e etnicidade em cemitérios do Brasil Colônia e Império**. R. Museu Arq. Etn., São Paulo, n. 21, p. 315-334, 2011

LIMA, I. P. **Em busca dos Mortos do Passado**: Caracterização Funerária do cemitério Pilar- PE. 2016. 119 p. Graduação (Graduação em Arqueologia.) UFPE: 2016

MACHADO, L. C. Sítio Cemitério dos Pretos Novos: análise biocultural. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, nº 12, p. 1- 23, 2006.

MOREAU, P. **História das últimas lutas entre portugueses e holandeses no Brasil**. São Paulo: Itatiaia/UDESP, 1981.

NEVES, W. A. Um Esqueleto Incomoda muita gente... Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

NIEUHOF, J**. Memorável viagem Marítima e terrestre ao Brasil**. São Paulo: Itatiaia, 1981.

NOVAES, L. C. N. **O exú submerso: Uma arqueologia da religião e da diáspora no Brasil**. São Paulo: Prismas. 2018

PEREIRA, J. C. Uma reprodução simbólica do universo social: o sepultamento de escravos no cemitério dos Pretos Novos, no Rio de Janeiro dos séculos. **Revista da História da África e dos estudos da Diáspora africana**. Nº 1, p. 20- 46, 2008.

PEREIRA, J.C. S. **À Flor da Terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond/Prefeitura do Rio de Janeiro, 2007.

RAMOS.A. C. T. Além dos mortos da Cruz do Patrão - simbolismo e tradição no uso do espaço no Recife. In. **Clio serie arqueológica**. V. 23. N.2. Recife: EdUFPE. 2008. p.1-15

REIS, J. J. **A morte é uma festa: Rituais funerários e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia de bolso, 2012.

RIOS, C. *et alli*. Cruz do patrão: Está no lugar certo ou não? In: MELO, P. P. (Org.). **História Ambiental: Debates Interdisciplinares**. Recife: EdUFPE, 2014.

SILVA, S. F. S. M. D**. Arqueologia Funerária: corpo, cultura e sociedade. Ensaios sobre a interdisciplinaridade arqueológica no estudo das práticas mortuárias.** Recife: Editora Universitária UFPE, 2014.

SOLER, V. J. Breve e curiosos relatos sobre as singularidades do Brasil. In: FERRÃO, C; SOARES, J. P. M. (Ed.). **Brasil Holandês: Os documentos da Biblioteca Universitária de Leiden.** Rio de Janeiro: Index, 1997.

SYMANSKI, L. C. P. A arqueologia da diáspora africana nos estados unidos e no Brasil: Problemáticas e modelos. in: **Afro-Ásia**. Salvador: EdUFBA. 2014. p. 159-198

STRAUSS, A. As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico “Lapa do Santo”. Dissertação de Mestrado. IB-USP, 2010.

STRAUSS, André. Os padrões de sepultamento do sítio arqueológico Lapa do Santo (Holoceno Inicial, Brasil). Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum., Belém, v. 11, n. 1, p. 243-276, 2016.

Site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222016000100243&lng=en&nrm=iso Acessado em: 03 Nov. 2018.

TAVARES, A. C. P. **Vestígios Materiais nos enterramentos na Antiga Sé de Salvador. Postura das instituições religiosas africanas frente à igreja católica em Salvador no período escravista.** Recife. 2006. 200 p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). UFPE: 2016

VIDE, S. M. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**. São Paulo: Typographia 2 de dezembro, 1853